

Recentemente, cinco periódicos brasileiros foram incluídos nas bases de dados do Institute for Scientific Information (ISI), da Thomson Scientific, e constam na Master Journal List. São eles: a *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, aceita para indexação nas bases de dados Current Contents/Clinical Medicine e Science Citation Index Expanded; e os periódicos *Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases*, *Revista Brasileira de Botânica*, *Papéis Avulsos de Zoologia* e *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo*, selecionados para as bases de dados Biological Abstracts e Biosis Previews. Desde 2002, um número crescente de periódicos da coleção da Scientific Electronic Library Online (SciELO) tem sido selecionado para indexação em importantes bases de dados internacionais, como Medline, Embase e bases de dados da Thomson/ISI Scientific. O aumento da presença dos periódicos de qualidade dos países ibero-americanos nos índices internacionais é um dos objetivos principais do projeto SciELO que vem sendo atingido sistematicamente nos últimos anos.

#### ■ Ciência

### Produção intelectual

Os pesquisadores da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM/Unifesp) Fabio Xerfan Nahas e Lydia Masako analisaram todas as variáveis que se devem conter na publicação de um estudo científico. “O título é a maior arma para convencer o leitor de que vale a pena ler o artigo”, descrevem os autores do artigo “Análise dos itens de um trabalho científico”. “Por esta razão deve ser curto e ao mesmo tempo completo, de fácil compreensão e traduzir a proposição do trabalho.” A introdução visa situar o leitor sobre o que se passa na literatura mundial sobre o assunto. Deve ser concisa e objetiva, principalmente no caso de artigos para revistas, além de demonstrar a relevância do estudo de forma bem resumida, com citações e estatísticas. O objetivo do estudo deve ser colocado ao final da introdução. “O objetivo é a pergunta à qual o estudo se propõe a responder e, ao final, deverá fazê-lo, seja positiva ou negativamente”, dizem. O texto mostra que a introdução e o resumo dão a primeira impressão ao revisor do periódico. Dessa forma, merecem especial atenção do autor, pois aumentam a chance de aceitação do artigo. Em métodos, devem ser descritos a amostra e os procedimentos realizados durante o experimento. Os detalhes que limitam e descrevem a amostra devem ser colocados neste momento. Já os resultados devem ser relatados com clareza e podem ser expostos de três modos: no texto, para valores únicos ou poucos dados; em tabelas que facilitam a apresentação de alguns tipos de dados; ou em gráficos que podem dar a noção de evolução, comparação e frações de um total. “Os resultados não devem ser repetidos no trabalho em suas diversas formas de apresentação. Se os valores forem colocados na tabela, os mesmos não devem ser apresentados em gráficos”, recomendam os autores. No item resultados, os valores devem ser apenas relatados e nunca comentados ou justificados. A interpretação dos resultados deve ser colocada no item discussão. “A discussão é a essência do artigo científico. Expressa as opiniões dos autores em relação ao tema em estudo e permite comparações dos resultados obtidos com os dados

disponíveis na literatura.” É neste momento que o autor pode discorrer com maior liberdade sobre o tema, fazendo suas hipóteses e considerações. São colocados os futuros caminhos a serem estudados sobre o assunto. Atualmente alguns periódicos incluem a conclusão como último parágrafo da discussão, sem colocá-la em item separado. “Obrigatoriamente os autores devem concluir com a resposta à questão inicial do trabalho colocada no objetivo. Todo trabalho deve ter pelo menos esta conclusão”, afirmam os autores do artigo.

ACTA CIRÚRGICA BRASILEIRA – VOL. 20 – SUPL. 2 – SÃO PAULO 2005

[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-86502005000800004&lng=pt&nrm=iso&tng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-86502005000800004&lng=pt&nrm=iso&tng=pt)

#### ■ Agricultura

### Nichos ecológicos

Durante três períodos diferentes, dez famílias de uma comunidade de agricultores de Minas Gerais consumiram 76 diferentes refeições que foram analisadas. O estudo “Nicho ecológico de agricultores familiares da região sul do Estado de Minas Gerais (Brasil)”, assinado por Nivaldo Nordi e colaboradores, investigou os meses de setembro de 1995 (fim da estação seca), dezembro de 1995 (estação chuvosa) e abril de 1996 (fim da estação chuvosa). Além de defender a utilização do conceito de nicho ecológico como um dos principais para estudar o ser humano e sua relação com o meio ambiente, o estudo discutiu os resultados obtidos nos contextos sociocultural, econômico e agrário. A comunidade analisada pareceu depender marcadamente de determinados itens alimentares, mostrando pouca variação sazonal em sua dieta, e também ser auto-suficiente quanto ao suprimento alimentar, com satisfatório estado nutricional. A largura do nicho alimentar para as famílias de pe-



EDUARDO CESAR

quenos agricultores estudadas esteve sempre abaixo de 50%, com alta sobreposição sazonal, variando de 72% a 80%. Em termos econômicos, os dados mostram ainda que o sistema de produção dos agricultores oferece a eles uma independência apenas relativa do mercado. Em compensação, metade dos alimentos ingeridos foi produzida pelas próprias famílias. Além disso, do ponto de vista social, a cooperação no trabalho e a troca de alimentos permitem que ocorra uma maior consolidação das relações humanas entre os grupos familiares da comunidade.

BRAZILIAN JOURNAL OF BIOLOGY – VOL. 65 – Nº 1 – SÃO CARLOS – FEV. 2005

[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-69842005000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-69842005000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)

## ■ Tecnologia

### Fenômenos informacionais

Como consequência das recentes tecnologias, surgem novas áreas de interesse dentro da biblioteconomia e ciência da informação que necessitam ser examinadas. A webometria é uma dessas áreas de estudo que vêm adquirindo importância crescente para as análises quantitativas na internet. O artigo “Os links e os estudos webométricos”, de Nadia Vanti, bibliotecária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), reflete exatamente sobre isso: o surgimento de diferentes conceitos quantitativos aplicados à internet. O estudo evidencia o conceito de webometria, sua abrangência, aplicações e possíveis denominações. São assinaladas as suas diferenças com a cibermetria e estabelecidas as relações que estes dois métodos mantêm com outros conceitos tradicionais. “A webometria é o estudo dos aspectos quantitativos da construção e uso dos recursos de informação, estruturas e tecnologias na web”, explica Nadia. O artigo analisa também um recurso que vem despertando grande interesse entre os pesquisadores no assunto, não só por facilitar a navegabilidade entre sítios dentro da web, mas também por constituir um dos indicadores mais relevantes dentro dos estudos webométricos: os chamados *weblinks*. “É possível observar a utilidade que os *weblinks* revestem não só para os internautas como uma ferramenta de movimentação dentro da web, mas também a informação que eles proporcionam ao pesquisador que busca estabelecer as relações entre determinadas áreas do conhecimento”, afirma Nadia. Segundo o artigo, atualmente a web constitui a mais rica fonte de informação já conhecida pela humanidade. Assim sendo, não surpreende que pesquisadores que habitualmente se dedicavam a estudar os sistemas de informação tradicionais voltem-se agora para a investigação de como este ambiente virtual pode ser utilizado, organizado e avaliado. “Pode-se concluir que a webometria representa área fundamental dentro da biblioteconomia e ciência da informação. Nesse sentido, é importante incorporar os

diversos setores sociais que produzem e consomem informação para flexibilizar os critérios classificatórios da disciplina, abrindo suas fronteiras para os novos fenômenos informacionais”, aponta a pesquisadora.

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – VOL. 34 – Nº 1 – BRASÍLIA – JAN./ABR. 2005

[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652005000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

## ■ Radiologia

### Comparação Brasil e Austrália

Bons exemplos do outro lado do mundo, se trazidos para o Brasil, poderão aumentar a segurança dos pacientes, sem prejuízo da qualidade dos exames radiológicos mais comuns. O trabalho “Estudo comparativo das técnicas radiográficas e doses entre o Brasil e a Austrália”, de autoria de Ana Cecília Pedrosa de Azevedo, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz, e colaboradores, comparou técnicas radiográficas em uso nos dois países. No total, quatro tipos de exames foram avaliados: o de tórax, de abdome, de pelve e de coluna torácica em três projeções: ântero-posterior, pósterio-anterior e lateral. Na Austrália, todos os equipamentos são digitais, enquanto no Brasil os aparelhos são convencionais. Os valores médios de entrada na pele do radiofármaco e da dose efetiva desses medicamentos foram consideravelmente mais altos no Brasil do que na Austrália. A única exceção foi detectada nos exames de tórax, mais baixos aqui. As maiores diferenças encontradas foram para os exames de pelve (26 vezes maior no Brasil) e de coluna torácica (43 vezes maior no Brasil). Nos hospitais australianos, os programas de controle e garantia de qualidade fazem parte da rotina nos serviços de radiologia. Contam com equipamentos digitais de última geração e os serviços possuem uma equipe de física médica atuante. Esse conjunto de iniciativas resulta na produção de imagens radiográficas de alta qualidade, com baixas doses e índices de rejeição próximos a zero. Tais resultados apontam para a necessidade de estimular a implantação de ações semelhantes em toda a rede hospitalar brasileira. No entanto, analisando os resultados dos exames de tórax, concluímos que doses baixas também são possíveis no Brasil se forem empregadas técnicas radiográficas adequadas.



EDUARDO CESAR

RADIOLOGIA BRASILEIRA – VOL. 38 – Nº 5 – SÃO PAULO – SET./OUT. 2005

[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-39842005000500007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-39842005000500007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)